

## **Empreendedorismo e Inovação- Uma chamada a Armas**

### **Tudo corre bem...**

Ultimamente, o Brasil tem conhecido, de forma geral, apenas boas notícias. Desde a implementação do Plano Real, em 1994, o crescimento econômico tem sido geralmente positivo, embora tenha havido impacto negativo na economia nacional de eventos ocorridos em outros países; por exemplo, em 1998 (crise financeira na Ásia) e em 2001 e 2005 (impacto ligado às crises na Argentina). Levando em conta a paridade do poder de compra, a economia brasileira representa, sozinha, cerca da metade da economia da América do Sul, sendo que o PIB do Brasil representa, atualmente, cerca de 3% do PIB mundial. Com essa medida do poder de compra, o Brasil divide o sexto lugar na tabela das economias mundiais com Reino Unido, França, Rússia e Itália.

Esse otimismo acerca da economia brasileira, por parte tanto de investidores externos quanto internos, tem sido refletido positivamente pelo índice da Bolsa de Valores de São Paulo, a Bovespa. O mercado bolsista brasileiro é responsável por mais de metade das transações ocorridas na América Latina, conhecendo uma capitalização superior ao PIB do Brasil. De acordo com o índice da Morgan Stanley Capital International (o MSCI), o Brasil já terá ultrapassado a China como o maior mercado de ações cotado no MSCI, com um peso de cerca de 15%, contra os 14% da China.

### **E quando caiu o tijolo**

A 30 de novembro de 2001, a Goldman Sachs (GS) publica estudo intitulado “Building Better Global Economic BRICs”. Em seguida, em 2003, surge novo estudo, desta vez intitulado “Dreaming with BRICs: The Path to 2050”. Ambos subitamente colocam países como Brasil, Rússia, Índia e China em pé de igualdade (BRIC é o acrônimo pelo qual se designam esses quatro principais países emergentes), bem como no centro de todas as análises, discussões e debates sobre globalização e mudanças iminentes na ordem econômica do mundo. De forma sucinta, a idéia-base dos estudos foi explicar e destacar o fato de essas quatro economias alcançarem todos os outros países desenvolvidos, exceto provavelmente os Estados Unidos e o Japão, em 2050. Segundo os estudos de Goldman Sachs, no ano 2050 o Brasil ficaria em 5º lugar no ranking das maiores economias do mundo.

No entanto, dentro do BRIC pode detectar-se uma clara divisão de funções apoiada por esses estudos. Ao Brasil e à Rússia caberá o papel de produtores de alimentos e de petróleo,

respectivamente, enquanto à Índia e à China foi atribuída a primazia nos negócios dos serviços e de manufaturas, respectivamente. Nesse contexto, o Brasil desempenharia principalmente o papel de produtor mundial de matérias-primas e de grande exportador de produtos agropecuários (cereais e carne). A cana-de-açúcar produzida por esse país desempenharia ainda papel fundamental na produção de combustíveis renováveis para o futuro da humanidade.

### **Mas, esperem um minuto...**

Em 2007, a Goldman Sachs voltou a rever sua estimativa inicial,<sup>6</sup> reportando o seguinte:

A meta de crescimento de 5% anunciada pelo presidente Lula parece-nos demasiado ambiciosa, tendo em conta que, desde que publicamos o primeiro estudo de nossa série sobre os países BRIC em 2003, o Brasil tem crescido apenas a uma desapontadora média de 2,7% ao ano. Esse valor fica aquém da taxa de 3,7% que tínhamos estimado para o crescimento de longo prazo desse país.

De fato, o Brasil tem tido performance econômica abaixo de nossas expectativas, especialmente quando comparada com a de todos os outros dos países do BRIC. Desde 2003, as taxas de crescimento real do PIB na China, na Índia e na Rússia têm-se situado nos 10,2%, 8,0% e 6,9%, respectivamente. Qualquer uma dessas taxas excedeu largamente nossas previsões a longo prazo para as nações – 4,9%, 5,8% e 3,5%, respectivamente.

Apesar disso, o relatório manteve o otimismo em relação às projeções avançadas para o Brasil: “Estamos confiantes de que o segundo governo de Lula será capaz de prosseguir com a implementação de políticas macroeconômicas sensatas, que permitam o tão esperado avanço das reformas estruturais. A estabilidade proporcionada por essas medidas deverá aproximar gradualmente as taxas de crescimento real do PIB brasileiro à taxa esperada de 3,5%, valor que corresponde também, aproximadamente, às taxas de crescimento potencial para o Brasil de 3,7%.

A lista de sugestões do Goldman Sachs para melhorar situação do Brasil, gostaríamos de acrescentar o seguinte:

☐ O Brasil tem de passar a reconhecer e a incentivar mais a criação e expansão de empresas inovadoras.

Em 2008, o Brasil ficou colocado na 122ª posição como país mais propício para desenvolver um negócio. Essa quinta edição do ranking anual (intitulado Doing Business 2008) mostra que a posição do Brasil pouco se alterou em relação aos anos anteriores.

Que o Brasil é um país pouco “amigável” para empresas é demonstrado pelo processo, complicado e moroso, de abertura de um negócio no país. Tal processo envolve 14 procedimentos e demora 45 dias, tornando o Brasil uma das nações mais mal colocadas do mundo (110º lugar) em termos de facilidade de registro de propriedade. O processo de pagamento de impostos para uma empresa desse país demora, em média, cerca de 2.600 horas!

### **“EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO”: IRMÃOS DE ARMAS**

Há uma fábula budista em que cinco cegos tocam um elefante. Cada um toca em uma parte do elefante e diz que são coisas diferentes: uma corda, uma árvore, uma parede.... Tudo dependendo da parte do elefante em que tocavam. Por vezes é o que acontece com os diagnósticos dos problemas do país...

Empreendedorismo, inovação, clusters, internacionalização..., são palavras da moda. Corre-se o risco de passarem a clichês sem ter impacto no problema fundamental – o espírito de criar, de inovar, de mexer... O problema está em usarmos e aplicarmos mal as palavras, não os conceitos em si!

Afinal o que é, e para que serve, o empreendedorismo? O conceito de empreendedorismo existe há bastante tempo e tem sido utilizado sob diferentes significados. Contudo, sua popularidade renasceu nos últimos tempos, como se tivesse sido uma “descoberta súbita” e viesse definitivamente alterar a economia. Mas será que todos sabemos para que serve? Há uma questão fundamental: o empreendedorismo, relacionado com criação de empresas, terá de ter a ver com empresas de inovação. Se pensamos em lojas como empreendedorismo, corremos o risco grave de cair na definição de empreendedorismo só como sendo auto-emprego – o engraxador de sapatos é um empreendedor?

A idéia de que existe forte ligação entre inovação e empreendedorismo é defendida por Peter Drucker quando diz:

“Inovação é a ferramenta específica dos empreendedores, o meio pelo qual eles exploram a mudança como uma oportunidade para um negócio ou serviço diferente. Pode ser apresentada como uma disciplina, pode ser aprendida, pode ser praticada. Os empreendedores precisam procurar decididamente as fontes da inovação, as mudanças e seus sintomas, que indicam oportunidades para inovações com sucesso. E eles precisam conhecer e aplicar os princípios da inovação de sucesso.”

Para o Brasil, é fundamental existir um tecido empresarial disposto a arriscar, internacionalizar e inovar. E numa forma geral a promoção de empreendedorismo terá quer ser uma das metas principais da sociedade.

Soumodip Sarkar

Professor, Universidade de Évora

Portugal

[ssarkar@uevora.pt](mailto:ssarkar@uevora.pt)

O texto foi adaptado do primeiro capítulo do seu livro:

**O Empreendedor Inovador – Faça Diferente e Conquiste seu Espaço no Mercado, Rio de Janeiro: Elsevier Editora.**